

Afonso Ribeiro - *Precursor do Neorrealismo*

É um dos expoentes da prosa de ficção neorrealista portuguesa, que emergiu na década de 1930. Foi mesmo um dos seus precursores, quando publica, em 1938, *Ilusão da Morte*, um livro de contos considerado pela crítica como uma das primeiras manifestações da nova corrente literária. Afonso Ribeiro nasceu na Vila da Rua, Moimenta da Beira, a 7 de janeiro de 1911.

Professor primário em zonas rurais, o contacto com as desigualdades sociais e com as carências das classes mais desfavorecidas, inspira-lhe uma prosa atenta à verosimilhança da fala das personagens, aos seus problemas e escravidões. Reclamando desde os seus primeiros escritos a falsidade de qualquer visão idílica sobre o homem do campo, denuncia a pobreza moral de proprietários, proclamando a necessidade de olhar para o mundo rural com olhos diferentes dos que tinham habituado o leitor a ver na ficção campestre, o casticismo, a vida sadia ou a sobrevivência de valores decaídos. “Falar do homem do campo, do trabalhador da terra e esquecer as suas angústias inconfessadas, os seus músculos doridos, o seu olhar triste – da tristeza horrível que nada aguarda, nada! – parece-me feio embuste”, confessaria o escritor ao historiador de literatura e crítico literário Alexandre Pinheiro Torres, no fim da década de 70, numa das raras que entrevistas que concedeu.

Afonso Ribeiro estudou em Viseu, Lamego e Braga, onde em 1932 e concluiu o magistério primário. Foi docente em Castaíngo (Penedono), Penajóia (Lamego), Vilar do Paraíso e Gulpilhares (Vila Nova de Gaia).

No Porto, com um grupo de amigos, participa na fundação de *Sol Nascente* (1937/39), quinzenário de artes e letras no qual colabora ativamente ao lado de muitas das mais destacadas figuras da cultura portuguesa, entre elas, a personalidade multifacetada de Abel Salazar. A publicação virá a ser proibida pela censura, em meados de 1939. É em *Sol Nascente* que o escritor publica a sua primeira obra, *Ilusão da Morte*, que a censura há de também banir de circulação. Em finais de 1939 pede uma licença ilimitada e parte para o Brasil, onde tenciona fixar-se para se dedicar ao jornalismo. Esbarra, porém, em leis exigentes e regressa a Portugal menos de três meses depois. Volta ao ensino. É colocado em Vilar do Paraíso, onde leciona durante sete anos. Neste período a sua produção literária vai desenvolver-se de forma particularmente profícua, publicando cinco livros: *Plano Inclinado* (1941), *Aldeia* (1943), *Trampolim* (1944), *Escada de Serviço* (1946), o primeiro romance da trilogia *Maria*, ciclo da serviçal doméstica prostituída, onde Afonso Ribeiro penetra no âmago dos problemas, alheio a preconceitos. Finalmente *Povo* (1947), que tem o mérito de nos transportar à realidade de uma vida nem sempre apreciada com aquele sentido de observação que só temperamentos especiais, invulgarmente penetrantes, podem captar. As relações com a censura, entretanto, agudizam-se e, em 1947 parte para Moçambique.

Aí exerce as mais variadas atividades, dado que o regime lhe nega o acesso à docência. Em Lourenço Marques (atual Maputo) ingressa como chefe de redação do *Itinerário*, jornal de cultura e letras, no qual trabalha no período da manhã. As tardes dedica-as ao Núcleo de Arte, onde exerce funções de

secretário. Porém, itinerário é fechado pela censura, enquanto o Núcleo de Arte vai sobrevivendo com enormes dificuldades financeiras, até que as autoridades também o encerram. Entra então como funcionário para uma empresa de publicidade. Em 1949, em plena campanha de Norton de Matos, na qual colabora ativamente, é preso. Posto em liberdade passadas algumas semanas, consegue abrir uma livraria. Contudo, a falta de vocação para o negócio, leva-o a desfazer-se dela. Passa então a exercer funções de delegado de propaganda médica. Ao fim de dez anos, saturado de uma profissão que não o atrai, funda uma empresa de publicidade, através da qual passa a editar um anuário comercial – Indicador Económico de Moçambique – em quatro línguas: português, inglês, francês e alemão. Está há nove anos em Moçambique, quando publica *O Pão da Vida* (1956), segundo volume da trilogia *Maria*. Seguem-se *O Caminho da Agonia* (1959), que completa o ciclo, *Três Setas Apontadas ao Futuro* (1959) e, por fim, *Da Vida dos Homens* (1963). Em Portugal, entretanto, a revolução de 25 de Abril de 1974 consuma-se. É neste período de transição para a independência de Moçambique, que Afonso Ribeiro vai escrever intensamente no *Notícias*, diário de Lourenço Marques, onde já anteriormente havia colaborado, mas sob pseudónimo. Ao mesmo tempo, funda no próprio jornal, em 1975, a Editora *Notícias*, através da qual publica a sua última obra enquanto residente em Moçambique: *África Colonial*, um livro de contos onde Afonso Ribeiro aflora aspetos da vida pouco recomendada de um país sob exploração colonial.

Em 1976 regressa a Portugal. É ainda nesse ano que a editora *Livros Horizonte*, de Lisboa, se propõe editar toda a sua obra. Fá-lo, começando por publicar *Os Comedores de Fomes*, a que se seguirão as reedições de *África Colonial* e *Trampolim*. O projeto ficaria por ali, pois naquela altura já estava injustamente esquecido. Em 1986, ganha folgo e publica o seu derradeiro livro: *A Árvore e os Frutos*. Afonso Ribeiro morreria em 1993.